

Artigo

REFORMA AMARNIANA: IMAGINÁRIO SOCIAL NO PERÍODO DE AKHENATON-XVIII^a (1550-1070 A.C)

Por Deise Cristina

Através da descoberta da Pedra de Roseta¹ no século XVIII, o Egito antigo pôde compartilhar seus mistérios com a sociedade moderna. Podemos mencionar que tais conhecimentos sobre o mundo antigo, só foram possíveis através das iniciativas Francesas de *“encurtar o caminho até as índias através do canal de Suez no período Napoleônico”*².

A disputa pela decifração da pedra de Roseta ficou acirrada entre França e Inglaterra, mas coube ao Francês Jean François Champollion, através do *Copta*, a grande façanha de decifrar os hieróglifos contidos na Pedra. Desde então, foi possível pesquisar de forma eficiente os processos que mantinham e organizavam esta sociedade que até o período do séculos das luzes, se mantinha intacta.

Até a chegada do reinado de Amenhotep IV³, o Egito ainda estava dividido entre governantes do

alto e do baixo Egito que conflitavam internamente pelo domínio territorial, o faraó Ahmés (XVII^a), dando continuidade ao que seu pai tinha iniciado, retomou o território egípcio que até então era ocupada pelos hiscos⁴ da cidade de Avaris, esta reunificação deu origem a XVIII^a dinastia ou período conhecido como Reino Novo (1550-1070 a.C)⁵. Sobre a reunificação Júlio Gralha é categórico em afirmar:

*“(...) a hostilidades entre Tebas e Avaris tiveram seu começo no reino do faraó Sequenen-ra taa II, mas foi somente no reinado de seu filho Kaméss, após uma absorção mais eficiente de novas tecnologias(...) e pela primeira vez, o estabelecimento de um exército e frota de guerra profissionais que as campanhas dos monarcas tebanos forma capazes de reduzir drasticamente a influencia dos hiscos, controlando definitivamente o Egito durante o reinado do faraó Ahmés que foi o fundador da XVIII dinastia.”*⁶

¹ Grande fragmento de basalto com textos em caracteres gregos, demóticos e hieróglifos. ALDRED, Cyril. Os Egípcios. Lisboa: Editorial verbo, 1972, p.22

²Ibidem Idem p.21

³ Após o festival-sed, mudará sua titularia real para Akhetaton. SILVA, Regina Coeli Pinheiro da. Análise do painel das cenas de oferendas da sala Alfa- Tumba real de Amarna/ Rio de Janeiro: Uerj/ MN (tese de mestrado) p.40

⁴ Governantes estrangeiros, provenientes da palestina, que ocuparam o delta formando as XV, XVI e a transição para a XVII^a. GRALHA, Júlio. Op. Cit. p.30

⁵ Reino Novo, Período da XVII, XIX, XX, final da idade de bronze (1500-1200 A.C) GRALHA, Júlio. *Deuses, Faraós e o Poder- Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito - 1550-1070 a.C.* Rio de Janeiro: Barroso, 2002. P.25

⁶ Ibid. Idem p.30

Após o período de reunificação e a fundação de uma nova dinastia – O REINO NOVO - o Egito iniciou um dos períodos mais ostensivos do seu tempo, *“sendo ele marcado pelo grande apogeu teocrático, com monarcas divinos e suas poderosas divindades dinásticas, que através das diversas incursões militares”* alcançou ao longo de várias gerações, o posto de reino mais poderoso e estável do mundo antigo. Segundo Júlio Gralha, houve uma implícita *“expansão da arquitetura através de complexos templários fabulosos, palácios sofisticados, e de uma produção e desenvolvimento do cânon artístico - religioso soberbo, além de um limitado avanço tecnológico”*⁸

Através dos processos expansionistas inferidos pelos grandes monarcas do reino novo, o Egito estava localizado entre as grandes maiores potências da época, tais como *“Mitanni, Hatti, Arzawa, Chipre e Babilônia e não obstante a isto o aumento demográfico também foi fato marcante para o período. A população que estava em torno de 1,5 milhões foi 2,5 a 5 milhões, sendo a cidade de Mênfis e Heliópolis a que mais cresceu.”*⁹

Apesar de todo o seu poder, luxo e ostentação, o reino novo teve seu declínio por volta de *“1200-1070 a.C, devido a perda da influência e desgaste da teocracia faraônica, exaustão dos recursos naturais e sucessivas invasões dos povos do mar”*¹⁰. Antes de seu processo de declínio, o reino novo foi palco de um dos contextos históricos mais intrigantes da história da humanidade, a reforma Amarniana pelo faraó Amenhotep IV.

Amom-Rá-Deidade Dinástica do Reino Novo

É importante dizer que a deidade Amom passa a ser de grande influência no período do reino novo através do faraó reunificador do Egito, Ahmés, *“que declara ter recebido do próprio deus — Amom— seu pai a Cimitarra, (símbolo de guerra), ao regressar vitorioso a capital tebana, e após a expulsão dos hicsos, consagra assim oferendas a este Deus”*¹¹. É importante notar que nesta passagem mencionada anteriormente, Amom é legitimada pelas ações do rei e passa a ser considerado a divindade dinástica¹² que irá reger todo o período do reino novo¹³.

O deus Amom, passa a exercer total poder sobre todo o território egípcio após seu processo de solarização,¹⁴ passando assim a exercer as prerrogativas do deus Rá¹⁵, esta prática foi importante para Amom no sentido de que *“cada território egípcio era regido por um deus local, a partir do momento que Amom realiza assimilação divina do deus solar Rá - que já era referenciado no Reino antigo como deus criador nos mitos da criação”*¹⁶, sua influência se torna muito mais abrangente.

“Adoração de a Amon-Ra, touro que reside em heliópolis, que tem autoridade sobre

⁷ Ibid idem P.25

⁸ GRALHA, Júlio. Op. Cit. p.25

⁹ Ibid idem P.25

¹⁰ GRALHA, Júlio. Op. Cit. 2002. p.25

¹¹ CARDOSO, C. F. Antiguidade Oriental: Política e Religião. São Paulo: Contexto, 1997, p.35

¹² Divindade associada a uma dinastia de monarcas reinantes. GRALHA, Júlio. Op. Cit, 2002, P.102

¹³ GRALHA, Júlio. Op. Cit, 2002, P.102

¹⁴ A da religião egípcia, embora tenha ocorrido aproximadamente entre 2700 e 1800, ganhou força no segundo milênio e as divindade solares com Atum, Ra-Harakhty e Aton. CHAPOT, Gisela. *Senhor da ordenação: Um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)*. Niterói, 2007, p. 86

¹⁵ Divindade Heliopolitana, tradicional muito prestigiada no baixo Egito, Ibid Idem P. 87

¹⁶ GRALHA, Júlio. Op. Cit, 2002, p. 46

*todas as esposas
divinas,
o deus perfeito, o
bem amado,
que dá a vida a
todos os seres
vivos e os
rebanhos.
Saúdo a ti, Amon-
ra....o maior do céu
e o mais antigo na
terra,
O senhor do que
existe, que
estabelece
duravelmente toda
coisa!*¹⁷

Até a chegada do período de reinado do faraó Akhenaton o Egito no período do Reino Novo já encontrava-se em seu grande ápice estrutural em todos os sentidos, porém convém levantarmos o seguinte questionamento, qual seria a real motivação da reforma? Este questionamento já foi pesquisado por muitos intelectuais, estudiosos de diversas áreas de atuação que abrangem renomados historiadores e egiptólogos que incansavelmente buscam compreender as atitudes tomadas por Akhenaton em sua atuação reformistas.

Akhenaton e a Reforma: Construção de Amarna

Amenhotep IV(1353 à 1335 a.C.)¹⁸ que significa *"Amon está contente ou satisfeito, divino governante de Heliópolis do Sul"*¹⁹, foi coroado rei do Egito no período que corresponde a XVIII^a dinastia, filho de Amenhotep III, tinha como exemplos seus antepassados com características guerreiras. Este faraó nos primeiros anos de seu reinado manteve-se com nome de titulação real não abdicando assim aos cultos e adoração ao deus Amom, mantendo em primeiro momento seu

reinado na cidade de Tebas. Neste contexto Christian Jacq expõe com clareza *"que no princípio de seu reinado não há ruptura com as antigas tradições"*²⁰. Todavia após o sexto ano²¹ de seu reinado Amenhotep IV já começa a conduzir os processos da reforma.

Amenhotep IV através de seu poder real se antecipa no uso do Festival-Sed²², para caracterizar a sua morte simbólica²³ e renascer como uma nova titulação real e reintegrar uma antiga deidade de característica solar- Aton, sendo referenciado nos textos e reconhecido popularmente entre os egípcios, como Ahkenaton, (aquele que é útil ao disco solar)²⁴ abdicando assim, de toda e qualquer referência ao deus Amom-rá. Para os egípcios, o ato realizado por Akhenaton demonstra o rompimento com a antiga tradição iniciada pelos seus ancestrais.

É importante salientar, que o nome de coroação de um faraó estava engendrado em vários aspectos místicos que o ligava diretamente com o deus dinástico primordial regente do período, esta ligação foi desfeita por Amenhotep IV quando o mesmo aboliu o deus Amom, *"pelo menos na esfera governamental - as tradicionais cosmogonias e crenças, dotando Aton, uma antiga divindade solar, de status real, reconhecendo-o como deus oficial do Egito."*²⁵ Akhenaton era o filho legítimo de Aton, o próprio deus em terra, digno de ser adorado em vida. Além da ausência dos mitos cosmogônicos foi peculiar na nova proposta religiosa, a ausência dos ritos funerários, *"isto*

²⁰ JACQ, Cristian. Akhenaton e Nefertiti, editora, BERTRAND, ano 2002, p.52

²¹Data mais aceita, ver GRALHA, Júlio. Op.Cit, p 132

²² Ver GRALHA, Júlio. *Deuses, Faraós e o Poder*- Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito - 1550-1070 a.C.Rio de Janeiro: Barroso, 2002. P. 131

²³ GRALHA, Júlio. Op.Cit.131

²⁴ SILVA, Regina Coeli Pinheiro da. Análise do painel das cenas de oferendas da sala Alfa- Tumba real de Amarna/ Rio de Janeiro: Uerj/ MN (tese de mestrado) p.40

²⁵Ibid Idem.p.40

¹⁷ GRALHA, Júlio. Op. Cit, 2002, p.46

¹⁸CHAPOT, Gisela. Op.Cit.p.91

¹⁹ GRALHA, Júlio. Op.Cit.140

significa que na nova religião de Akhetaton houve a suspensão dos 'demônios', e dos deuses punitivos que julgavam os falecidos após a morte, Akhenaton era quem direcionava o caminho dos falecidos para serem absorvidos pelo deus Aton".²⁶

Além da mudança de titulação real, a supressão do deus Amom e todos os deuses do panteão politeísta, o golpe final e determinante da reforma religiosa de Akhenaton foi a idealização e construção de sua nova capital Akhetaton – O Horizonte de Aton – que foi realizada como intuito de ser o berço da nova religião atoniana. Tal a Amarna denominação árabe, hoje mais conhecida popularmente como Amarna²⁷.

Aspectos simbólicos nortearam toda a construção desta cidade, pois Amarna foi especialmente projetada para ficar exatamente a *"meio caminho de Mênfis, que exprimia a influência administrativa e religiosa do antigo império e Tebas do novo império"*²⁸. Amarna deveria estar situada em um ponto onde o esplendor no nascer do sol fosse vislumbrado e seu maior ápice, e concomitante a isto, deveria ser construída em um solo que homem nenhum jamais tenha trabalhado, e sequer tenha sido ofertada a nenhum outro deus, sendo considerada virgem e pertencendo única e exclusivamente ao deus Aton²⁹.

Bem como um novo ideal religioso, Amarna foi a projeção de Akhenaton para um paraíso terrestre do deus aton, ela era contemplada segundo Cristina Jacq *"com amplas avenidas, parques artificiais e parques ornados de pavilhões com urbanismo aberto facilitando a circulação do*

*sol"*³⁰, esta última característica demonstra o alto poder simbólico do sol que é representado como o deus Aton. Amarna foi indicação do próprio deus, para a existência sagrada do mesmo, vejamos no hino clamado por Akhenaton que diz:

*Eu farei Akhetaton (Amarna) para o aton meu pai,
Neste local;
Não lho farei nem mais para o sul,
Nem para o norte,
Nem mais para leste,
Nem mais para Oeste,
Não ultrapassarei os limites,
Nem ao Sul,
Nem ao norte;
Não construirei a oeste"³¹,*

Legitimação e poder através do imagético social

O imagético social é uma importante ferramenta de legitimação da posição hierárquica dos faraós, bem como seu poder e influência sobre seus súditos. Na nova religião de Akhenaton, ao elevar o deus Aton como o deus primordial da XVIII^a dinastia, ele impõe um novo ideal religioso e político. A construção do paraíso armaniano, o uso do Festival Sed para a mudança mítica de seu nome, a icnografia em Amarna, os templos construídos para Aton, e os hinos, formam um conjunto de elementos essenciais para a construção de um novo imagético para guiar a sociedade por um novo viés ideológico e comportamental, logo Bronislaw Baczko nos elucida da seguinte forma:

"O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as

²⁶ GRALHA, Júlio. Op. Cit, p.105

²⁷ JACQ, Christian. *Akhenaton e Nefertiti – O casal solar*. Trad. Attílio Cancian. São Paulo: Hemus – Livraria Editora LTDA, 1978.p81

²⁸ Ibid Idem. p81

²⁹ SILVA, Tatiana Rita da. *Do Cânone à Criação: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton* / São Paulo, 2006 P.39

³⁰JACQ, Cristian. Op.cit.p.87

³¹Palavras proferidas por Akhenaton sobre a fundação e localização da cidade de Amarna. JACQ, Christian. Op.Cit. p 84

*instituições sócias, etc. O imaginário social é, pois, uma peça efectiva e eficaz do dispositivo de controle da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objecto dos conflitos sociais*³²

O uso desta ferramenta era essencial para a relação de poder que organizava e mantinha a posição hierárquica do faraó no antigo Egito, Akhenaton também se prevalece do imagético social fazendo uso do poder simbólico para enfatizar a sua natureza divina. Através da análise das icnografias encontradas na cidade de Amarna, é notório a importância do poder simbólico e seu impacto sobre a ideologia egípcia. Neste sentido contamos mais uma vez com a definição categórica de Baczko no que concerne aos símbolos.

*"A função do símbolo não é apenas instruir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e colectivos e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos"*³³



A imagem acima³⁴ demonstra pela primeira vez na arte egípcia a intimidade da família real,

enfatizando o convívio familiar, Akhenaton referência o novo segmento que nortearia religião amarniana - A família. *"Para o rei, o fluxo divino passa obrigatoriamente pela comunidade familiar que é, em miniatura, a imagem harmoniosa da sociedade. 'Por conseguinte, é à família que cabe por às claras as intenções de deus"*³⁵



Inserida nesta outra imagem³⁶ acima, perceber-se que Aton - representado como um disco solar com raios terminados em mãos, *"abenção única e exclusivamente com seu raios o casal reais Akhenaton e Nefertiti, entende-se como um novo imaginário sendo construído - só se consegue chegar a Aton através da família real"*³⁷ A construção do imaginário social tornava-se uma ferramenta tão eficaz que era comum encontrar oratórios particulares com representação da tríade divina formada, Aton, Akhenaton, e Nefertiti.

³² BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia EINAUDI. Vol 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p.309-310

³³ BACZKO, Bronislaw. Op. Cit. P.311

³⁴ Akhenaton e sua família: Procedência: Tell El Amarna – XVIII Dinastia, Calcário pintado: 31 x 39 cm, Staatliche Museum, Berlin.

³⁵ CRISTIAN, Jacq, O.p Cit, p. 105

³⁶ Akhenaton e Nefertiti. Akhenaton entregando brincos a uma de suas filhas.

³⁷ GRALHA, Júlio. Op. p. 144

Considerações Finais.

As Razões da Reforma.

A supressão do deus Amom como divindade primordial no Egito foi um ação ousada realizada por Akhenaton. Mesmo sendo ele o faraó das duas terras o próprio deus em terra, a ruptura com antigas tradições que foram construídas ao longo de várias dinastias, requer mais do que atitude e iniciativa, requer um grande objetivo que deveria levar a civilização egípcia a um novo sentido de vida. Alguns historiadores, tais como Jan Assman, Cyril Aldred, Cristian Jack e Tatiana Rita da Silva, defendem a tese de que Akhenaton ao suprimir o deus primordial Amom, estava tentando introduzir uma espécie de monoteísmo na religião egípcia, que refletiria essencialmente nos processos de organização política no Egito.

Na avaliação dos autores supracitados a iniciativa de Akenaton de suprimir o deus amom como deus primordial, acarretaria na diminuição do poder do clero que já no período de Amenhotep exercia tamanha influência nos assuntos referentes ao Estado. Segundo Tatiana Rita, Akenaton já tinha percebido *“uma dissensão havida entre seu pai e os sacerdotes de Amon.”*³⁸ Cristian Jacq é incisivo ao mencionar a respeito do clero tebano, *“que os sacerdotes desviavam-se da fé em seu sentido original e apegavam-se ao materialismo excessivo”*,³⁹ Jacq além de ser defensor do monoteísmo em Amarna também enfatiza que este mesmo monoteísmo de Akhenaton teria influenciado o monoteísmo Judaico - Cristão mais precisamente o período de Moisés. Na citação o autor esclarece:

“O monoteísmo de Moisés, parece-nos, deve muito ao monoteísmo de Akhenaton. Do rei execrado pelos Ramassidas, Moisés se faz um modelo para escapar à influência política e social desses mesmos Ramassidas. Quando Moisés espatifa o bezerro de ouro, o ídolo adorado pelos hebreus a quem ele ensinava os ideais do monoteísmo, ele repete o ato de Akhenaton em luta contra a multiplicidade dos deuses egípcios que incomodavam o brilho de Aton, o único.”

Jacq, reforça sua explanação equiparando a semelhança entre o grande hino de adoração ao deus aton, *“como o salmo 104 que referencia Javé, o deus dos hebreus”*⁴⁰, Jan Assman também defende o monoteísmo e sua influência sobre o monoteísmo judaico-cristão.⁴¹ Porém de acordo com as considerações dos professores Júlio Gralha, Gisela Chapot e Ciro Flamarion, os mesmos não defendem que a reforma político religiosa proposta por Akhenaton possa ser considerada uma tentativa de impor o monoteísmo, Júlio Gralha e Gisela Chapot argumentam da mesma forma, de que não se deve considerar o monoteísmo *“visto que na religião amarniana declaradamente há duas divindades supremas, Aton e Akhenaton que não negou sua natureza divina, configurando assim uma dualidade divina (bilatria) deus terrestre e deus celeste”*.⁴² Na argumentação de Júlio Gralha ele ainda coloca: *“tendo por base a dualidade formada pelo deus e pelo monarca, Aton se manifesta a humanidade através de sua representação viva como deus terrestre o faraó Akhenaton, configurando assim, uma ‘bilatria’ e não o monoteísmo”*⁴³

Ciro Flamarion em seu artigo faraó Akhenaton e seus contemporâneos expõe com clareza a questão do monoteísmo, que diz:

⁴⁰ Ibid Idem, p.180

⁴¹ CHAPOT. Gisela. Op. Cit. p.233

⁴² Ibid Idem. pp.234-235

⁴³ GRALHA, Júlio. O.p. Cit. p.174

³⁸ SILVA, Tatiana Rita da. Op. Cit. p.88

³⁹ CRISTIAN, Jacq, O.p Cit. p. 162

"(...)parece indicar de parte de Akhenaton, de início, uma monolatria, não um verdadeiro monoteísmo. Lá, o rei construiu templos à modalidade de divindade solar que viera a adotar em caráter exclusivo e considerava seu pai, o Aton, que se manifesta como a luz do disco do Sol. Note-se que nem por isso o monarca renunciou ao seu próprio caráter divino: vimos que ele e sua rainha, Nefertí, apareciam como Shu e Tefnut, filhos consubstanciais do Aton, portanto, dificilmente diferenciáveis deste e certamente divinos."⁴⁴

Apesar da nova reforma político religiosa proposta por Akhenaton ser de modo geral simples, e aparentemente ter diversas similaridades com a religião monoteísta judaico cristã, as contradições ainda são muito fortes, não existem ainda, elementos que aumentem e/ou reforcem a defesa de alguns historiadores e egiptólogos em considerar o monoteísmo, para tal, seria necessário uma nova estela outros tipos de elementos arqueológicos como fonte primária em favorecimento da mesma.

Deise Cristina é licenciada em História pelas Faculdades Integradas Simonsen, Prof.^a do Instituto Tecnológico Simonsen (ITS) e do Centro de Tecnologia Aplicada (CTA)

Bibliografia.

- ALDRED, Cyril. *Os Egípcios*, Lisboa: Verbo, 1972,
BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia EINAUDI Vol 1.História. Lisboa Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.p 296-331
CARDOSO, C. F. *Antiguidade Oriental: Política e Religião*. São Paulo: Contexto, 1997
GRALHA, Julio. *Deuses, faraós e o poder*. Rio de Janeiro: Barroso Produções, 2002
JACQ, Christian. *Akhenaton e Nefertiti – O casal solar*. Trad. Attílio Cancian. São Paulo: Hemus – Livraria Editora LTDA, 1978
SILVA, Regina Coeli Pinheiro da. *Análise do painel das cenas de oferendas da sala Alfa – Tumba Real de Amarna I*. Rio de Janeiro:UFRJ/MN,2009. f.132; il.26

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

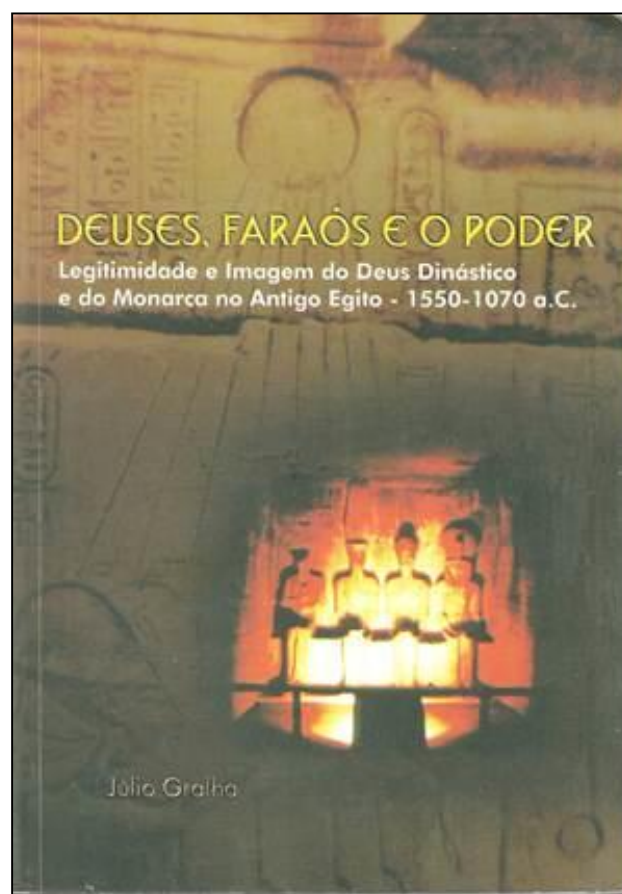
CARDOSO, Ciro Flamarion. *O faraó Akhenaton e nossos contemporâneos*. Artigo digital disponível em:<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/farao.pdf>. Acesso em 26/04/2012.

TESES E DISSERTAÇÕES

CHAPOT, Gisela. Senhor da Ordenação: *Um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)*. Niterói, 2007, P.123, Dissertação (Mestrado)

SILVA, Tatiana Rita da. *Do Cânone à Criação: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton* / São Paulo, 2006 130 f. : il.

Para saber mais:



⁴⁴ Ver CARDOSO, Ciro Flamarion. *O faraó Akhenaton e nossos contemporâneos*. Artigo digital disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/farao.pdf>. Acesso em 26/04/2012.

